

a espantosa cifra de 6.000 volumes só no primeiro ano de circulação. *Urupês* no seu terceiro ano já havia chegado aos 12.000. Numa outra vertente, também o *Juca Mulato* de Menotti del Picchia tornara-se um persistente *best seller*. Vendiam-se igualmente bem os anedóticos e os *causeurs*, que eram a maioria. Seja como for, do ponto de vista da circulação, era uma literatura que não podia ser ignorada. A tal ponto que *O Mundo Literário*, publicação do Rio, declara em 1923, para fazer moça aos futuristas, que “em São Paulo só o regionalismo triunfa de fato”.<sup>35</sup>

Embora isso só fosse verdade comercialmente, o respeito que impunham seus corifeus — destaque para Lobato, Amadeu Amaral e Valdomiro Silveira — bastava para confundir e fazer hesitar aos moços do interior que suspiravam por uma estética do cosmopolitismo. Em Guaratinguetá, ao mesmo tempo em que compunha paradoxos à maneira de Antonio Ferro, o ainda obscuro Brito Broca voltava-se azedamente contra *Os condenados* de Oswald de Andrade, desaprovando nele principalmente “a má orientação do decantado futurismo”.<sup>36</sup> Rodrigues de Abreu, em Capivari, encolerizava-se contra Menotti (que depois se diria seu descobridor) porque este havia feito críticas a Amadeu Amaral, seu conterrâneo e protetor — cólera que o tornou aliado momentâneo do sonetista Moacyr Chagas, autor de furibundos artigos contra os futuristas na *Folha da Noite*. Na pequena Jaú, futurista desde o começo mas caudatário da admiração geral por Lobato, Apolônio Hilst adota para consumo próprio o pseudônimo de Luís Bruma, colocando-se na mesma atmosfera um tanto simbolista do Lobato pós-adolescente e colaborador de jornais do interior, que costumava assinar na época Hélio Bruma. Quando Lobato deu a impressão de ter largado a literatura para dedicar-se ao negócio livreiro, aí por volta de 1919, Apolônio vagamente aspira a ocupar-lhe o lugar. Considerava-o todavia “autoritário como nenhum outro”,<sup>37</sup> razão por que, dono da situação, Lobato era não somente louvado mas também temido pelos pequenos literatos do interior que sonhavam ter seus livros publicados em São Paulo. Apolônio aguardava ser incluído numa coletânea de textos organizados pelo poeta Otávio Augusto, e a sair pela Monteiro Lobato & Cia em 1923, mas ambos aparentemente esbarraram em questões de política literária. É o que se depreende de uma carta de Otávio, postada da capital.

Enviei um “ultimatum” ao Lobato para que publique o *Literatura* no prazo de 1 mês. (...) Há pouco que corrigir, mas é preciso elogiá-lo mais. Vou elogiá-lo. Quanto mais elogios, em menos tempo sairá o livro.

Peço ao amigo enviar-me urgente os seus artigos últimos do *Imparcial* a respeito dos livros de Oswald, Mário, Menotti etc. É preciso que incluamos a crítica dos últimos livros saídos. Peço escrever algo sobre *O homem e a morte* etc etc... Mas não elogie muito o Mário de Andrade, que o Lobato não publica o livro. V. sabe o que é o ciúme entre letrados. E Lobato quer ser o *primus inter pares*.<sup>38</sup>

Todavia é notável que Apolônio tenha feito justamente o contrário. O aparecimento explosivo de Mário de Andrade a cavaleiro da *Semana* incutiu nele a idéia de que Lobato era o primeiro a perder com isso. Ele repercutia assim a suspeita de que, para Lobato, o verdadeiro confronto com Mário se dava no plano do prestígio público, mais que no das idéias. Não se achavam tão distanciados quanto pareciam. A circunstância favorecia, entretanto, a polarização das individualidades. Fazendo um balanço das potências que haviam antecedido Mário, Apolônio fixa Lobato como uma “mera afirmação da vontade, um modo de ser”, um estilo cuja originalidade, “sensacional a princípio, tornou-se logo conhecida por manifestar-se dentro de idéias conhecidas”. Em Mário, ao contrário, “a originalidade é mais espírito”, “dá a impressão de sempre inédito”, é “um *vient-de-paraitre* cada dia”, razão por que, em sua opinião e na de um número cada vez maior de pessoas cultas, tratava-se do “espírito mais interessante da literatura brasileira deste nosso extraordinário minuto construtivo”.<sup>39</sup> A acreditar no critério seletivo que Otávio Augusto atribuía a Lobato, não é de estranhar que o livro projetado jamais tenha vindo a lume.

Por caminhos semelhantes, a única tentativa que fez Aristides de publicar um livro de juventude, o romance intitulado *O homem trológico*, esbarrou no emperramento da máquina editorial de Lobato em 1924, ferida de morte com a revolução de Isidoro Dias Lopes. O original do romance se perdeu nas gavetas da empresa e Aristides jamais saberia se foi preterido por impropriedade literária ou descuido editorial.<sup>40</sup>

Fosse o que fosse, não era de se esperar muito, àquela altura, do editor que andara recusando até mesmo Lima Barreto.<sup>41</sup> Em se tratando de futuristas, então o assunto era motivo até de pilhéria editorial antes de vazar, deformado ou aumentado, para os re-dutos conservadores das redações.

Um poeta futurista apresentou sua obra-prima ao Monteiro Lobato: